

# I Congresso Internacional Marx em Maio 2012

*Perspectivas para o Século XXI*

Grupo de Estudos Marxistas

# O conceito de conjuntura em L. Althusser

por Irene Viparelli

## 1. Introdução

Um questionamento em torno das significações adquiridas pelo conceito de conjuntura na obra de L. Althusser pode, em nosso entender, revelar-se extremamente produtivo. Em primeiro lugar, desempenhando um papel central ao longo de toda a obra de Althusser, a categoria de conjuntura torna possível desvendar uma continuidade e uma coerência no desenvolvimento teórico do autor, colocando em questão as interpretações que pretendem estabelecer uma descontinuidade teórica radical entre as reflexões dos anos Sessenta em torno da questão da cientificidade da obra de Marx e da conceptualização da filosofia marxista e os últimos escritos sobre o materialismo do encontro. Como exemplo, é suficiente observar que em *Notes sur la philosophie*, texto inédito de 1966, se encontra a mesma definição da filosofia como “pensamento da conjuntura”, que será retomada no manuscrito de 1982 sobre o materialismo do encontro.

A segunda razão do interesse numa análise em torno da utilização feita por Althusser da categoria de conjuntura resulta da sua função de síntese entre a dimensão da “teoria” e a da “prática”, que permite questionar as interpretações que asseveram uma completa indiferença da reflexão de Althusser relativamente aos problemas estratégicos da prática política.

Em suma, por meio do conceito de conjuntura se torna então possível, a nosso ver, descobrir um “Althusser inédito”, em que a dimensão da “prática política” não apenas é tomada em conta, mas desempenha um papel absolutamente central ao longo de todas as fases do seu pensamento. Antes de entrarmos no âmago da reflexão, é ainda necessário indicar quais as dificuldades que a presente análise terá que enfrentar e qual o caminho teórico que pretendemos seguir. A mais evidente dificuldade resulta da

polivalência do conceito de conjuntura: por um lado, “conjuntura teórica”, assim como “evento científico” e “ruptura epistemológica” constituem as categorias para enfrentar a questão da definição do estatuto epistemológico da obra de Marx; por outro, “conjuntura política”, “evento revolucionário”, “ruptura revolucionária”, representam o cerne da problemática da prática política, desenvolvida nas reflexões levadas a cabo por Althusser em torno das obras de Lenine e Maquiavel. Além disto, em *Notes sur la philosophie*, Althusser, formulando a expressão «conjoncture révolutions/coupures»<sup>1</sup>, utiliza o mesmo conceito de conjuntura para estabelecer uma síntese entre as dimensões da “teoria” e da “praxis”. Enfim, conjuntura constitui também uma categoria central na colocação da questão da especificidade e das características fundamentais da ciência marxista. Torna-se então evidente que a maior dificuldade na nossa tentativa de aproximação à obra de Althusser por meio do conceito de conjuntura resulta das múltiplas significações pelo mesmo adquiridas nos diferentes contextos de análise; por conseguinte, tratar-se-á, em primeiro lugar e de forma preliminar, de esclarecer a significação dos conceitos de “conjuntura teórica” e “conjuntura política”, para depois abordar a questão da possibilidade de efectuar uma ligação entre os dois níveis de reflexão. Estabeleceremos deste modo os pressupostos teóricos para poder enfrentar a última questão, relativa à possibilidade de reconduzir a relação entre “teoria marxista” e “prática política” ao esquema geral da relação entre “teoria” e “praxis” proposto por Althusser.

## 2. Conjuntura teórica e conjuntura política

### a) Conjuntura teórica

Os mais célebres textos de Althusser, *Pour Marx* e *Lire le Capital*, enfrentam, como é sabido, o problema do estatuto epistemológico da obra de Marx. Pois, segundo Althusser:

«A compreensão de Marx do mecanismo da sua descoberta, da natureza da ruptura epistemológica que inaugura a sua fundação científica, reenvia-nos [...] aos conceitos duma teoria geral da história das ciências, capaz de pensar estes eventos teóricos»<sup>2</sup>.

1- L. Althusser, *Notes sur la philosophie*, in Id., *Écrits philosophiques et politiques*, Tome II, Éditions Stock/Imec, 1995/1997, p. 325

2- L. Althusser, *L'oggetto del capitale*, in AA. VV. *Leggere il Capitale*, a cura di M. Turchetto, Milano, Mimesis, 2006, p. 229.

Uma correcta compreensão da obra de Marx é então possível, segundo Althusser, apenas processando a investigação em dois níveis de análise: o plano genérico da teoria geral da história das ciências e o nível particular do evento teórico específico constituído pela descoberta marxista da ciência da história.

É sabido como Althusser, seguindo a linha teórica começada por Canguilhem e Bachelard, tenta uma interpretação da história das ciências que, afastando-se das teorias idealistas do conhecimento fundamentadas no binómio “sujeito-objeito”, concebe o processo de conhecimento como um específico modo de produção teórico:

«constituído por uma estrutura que combina [...] o tipo de objecto (matéria primeira) sobre o qual trabalha, as ferramentas de produção teórica à sua disposição (a sua teoria, o seu método e a sua técnica, experimental ou outro), e as relações históricas (ao mesmo tempo teóricas, ideológicas e sociais) em que produz. [...] Longe então de ser uma essência oposta ao mundo material, a faculdade dum sujeito transcendental “puro” ou duma “consciência absoluta”, isto é, o mito que o idealismo produz como mito para se reconhecer e se fundar nele, o “pensamento” é um sistema real particular, fundado e articulado no mundo real duma sociedade histórica dada, que mantém relações determinadas com a natureza, com um sistema específico, definido, das condições da sua existência e da sua prática, ou seja, duma estrutura própria, um tipo de “combinação” [...] determinada existente entre a sua matéria primeira (objecto da prática teórica), as suas ferramentas de produção e as suas relações com as outras estruturas da sociedade»<sup>3</sup>.

Assim, por meio da abordagem estruturalista, Althusser procura esclarecer a dependência do processo do desenvolvimento das ciências relativamente ao contexto histórico de referência, mostrando a sua necessária ligação com «práticas económicas, políticas e ideológicas existentes, que lhe fornecem directa ou indirectamente o essencial da sua “matéria primeira”»<sup>4</sup>.

O conceito de “conjuntura teórica”, ausente neste nível “abstracto” da reflexão epistemológica, aparece na altura em que a reflexão se desloca na direcção do “concreto”, isto é, no sentido da determinação das condições reais da produção dum evento científico específico. Pois, neste nível “concreto” de análise, o problema “geral” da dependência do processo de conhecimento das práticas sociais que lhe fornecem a matéria primeira

3- L. Althusser, *Dal Capitale alla filosofia di Marx*, in AA. VV. *Leggere il Capitale*, cit., pp. 40-41.

4- Idem, p. 40

torna-se, em primeiro lugar, na questão da relação mantida pelo pensamento com uma conjuntura teórica específica; da maneira como «a ideologia, que constitui [...] a pré-história duma ciência»<sup>5</sup>, consegue, por meio da «confrontação real com as outras práticas técnicas e outras aquisições ideológicas ou científicas [...] produzir, numa conjuntura teórica específica, o evento duma ciência, não como seu fim, mas como sua surpresa»<sup>6</sup>.

Em segundo lugar, o mesmo problema das condições de possibilidade da produção científica transforma-se na questão da específica «conjuntura teórica pessoal»<sup>7</sup> de Marx, que tornou possível, “como sua surpresa”, a ruptura epistemológica, isto é, o definitivo afastamento de Marx dos pressupostos ideológicos dos seus textos da juventude e a inauguração dum novo domínio do conhecimento científico: a história.

Em jeito de conclusão, dir-se-á então que, no âmbito da reflexão epistemológica, o conceito de conjuntura teórica torna possível alcançar os objectivos do projecto de Althusser, na medida em que permite cumprir a deslocação da análise do plano abstracto da teoria geral da história das ciências para o plano concreto do evento científico singular produzido por Marx.

#### b) Conjuntura política

É indubitável que as reflexões levadas a cabo por Althusser sobre Lenine em *Pour Marx* e sobre Maquiavel em vista dos cursos na l'École Normale de 1962 e de 1972, pertencem a âmbitos de análise heterogéneos, desempenhando, por conseguinte, papéis teóricos diferentes: enquanto as análises em torno da teoria do elo mais fraco de Lenine visam encontrar um exemplo concreto da capacidade da dialéctica marxista para dar conta da complexidade da estrutura social, as análises sobre Maquiavel, devido à centralidade dos conceitos de aleatório e vazio, parecem constituir uma antecipação das problemáticas que se tornaram centrais nos seus últimos textos sobre o materialismo aleatório. Contudo, focando a atenção em torno do conceito de conjuntura, a aproximação entre as duas linhas de investigação mostra-se não apenas possível, mas obrigatória: em primeiro lugar, o pensamento de ambos os autores caracteriza-se, segundo Althusser, pela mesma centralidade adquirida pela dimensão conjuntural. Pois, enquanto Maquiavel é reconhecido como «o primeiro teórico da

5- Idem, p. 43-44

6- Idem, p. 44

7- Idem, p. 48

conjuntura»<sup>8</sup>, paralelamente o valor insubstituível da obra de Lenine é para encontrar

«na análise da estrutura duma conjuntura, nas deslocções e nas condensações das suas contradições, na unidade paradoxal delas, que expressam a própria existência deste “momento atual” que a ação política irá transformar, em sentido forte, dum fevereiro para um outubro de 1917»<sup>9</sup>.

Em segundo lugar, esta centralidade da dimensão conjuntural acarreta, em ambos, a mesma “vacilação” das categorias teóricas, ou seja, a mesma subordinação da dimensão teórica à prática política. Com efeito, segundo Althusser, as conjunturas específicas analisadas pelos dois autores, a italiana no caso de Maquiavel, a russa no de Lenine, longe de constituírem um “objecto teórico”, representam, muito pelo contrário, um específico “problema político”: o da afirmação das condições subjetivas para a revolução na Rússia para Lenine; o da constituição da nação italiana para Maquiavel. Por conseguinte, ambos têm em conta a dimensão da análise teórica apenas na medida em que serve a resolução do problema político conjuntural: para Lenine, a dialéctica de Marx não é «a teoria do facto consumado, mas um método revolucionário»<sup>10</sup>; (non la teoria del fatto compiuto, ma un metodo rivoluzionario) e, para Maquiavel,

«a sua relação com o *problema* político em questão não é uma relação teórica, mas uma relação *política*. Por relação política entendo não uma relação de teoria política, mas uma relação de *prática* política. [...] É apenas o ponto de vista da *prática política* que determina a modalidade da relação com os elementos da teoria política, e a modalidade e o dispositivo dos elementos da própria teoria política»<sup>11</sup>.

Em suma, segundo Althusser, a primazia da prática política, em ambos os autores, coloca em crise os pressupostos gerais do pensamento científico: quer a sua pretensão de neutralidade, sendo o pensamento “*na conjuntura*” sempre expressão dum específico ponto de vista de classe, duma tomada de partido; quer o seu presumido anonimato, na medida em que, longe de ser um “processo sem sujeito nem fim”, o pensamento conjuntural faz sentido apenas tendo em consideração a subjectividade política<sup>12</sup>.

8- L. Althusser, *Machiavel et nous*, Paris, Éditions Tallandier, 2009, p. 54.

9- L. Althusser, *Per Marx*, tr. It. F. Madonia, Roma, Editori Riuniti, 1967, p. 157.

10- Idem, p. 159

11- L. Althusser, *Machiavel et nous*, cit, p. 54

12- Segundo Althusser, o pensamento de Lenine visava criar «sob a forma dum partido comunista que não tivesse elos fracos, as condições subjectivas, o meio do último assalto contra o elo mais fraco da cadeia dos estados imperialistas» (L. Althusser, *Per Marx*, cit., p. 79); enquanto Maquiavel subordinava a sua análise à

Concluiremos então que, no âmbito da reflexão em torno de Lenine e Maquiavel, a centralidade do conceito de conjuntura política acarreta a primazia da prática política sobre a análise teórica, isto é, a submissão do pensamento aos objectivos revolucionários impostos pela conjuntura à subjetividade política.

### 3. O laço entre conjuntura teórica e conjuntura política

A expressão «*conjoncture révolutions/coupures*», formulada por Althusser em *Notes sur la philosophie*, desempenha, a nosso ver, um duplo papel teórico: por um lado, o binómio contraditório “révolutions/coupures” visa expressar a radical heterogeneidade entre a dimensão teórica e a dimensão política: «A *Coupure* é um facto histórico interior à história das ciências; sendo científico, é um facto teórico. A revolução é um facto histórico, não teórico, mas social-político e ideológico»<sup>13</sup>. Por outro lado, a aproximação dos termos “coupure” e “révolution” por meio do conceito de “*conjoncture révolutions/coupures*” desvenda a possibilidade e necessidade de estabelecer, entre estas duas realidades heterogêneas, uma ligação. Qual então o elemento que, pertencendo as ambas as dimensões, torna possível a conexão?

Seguindo as sugestões fornecidas por Althusser em *Philosophie et philosophie spontanée des savants*, distinguir-se-á, no âmbito da reflexão em torno da ideologia, uma dimensão “teórica” (na medida em que, por ser a “pré-história da ciência”, a ideologia constitui um elemento da conjuntura teórica) e uma dimensão “prática” (desempenhando a ideologia, a nível político, o papel fundamental de garantir as condições de reprodução das relações sociais de produção por meio da sujeição ideológica dos indivíduos).

Portanto, é a “natureza híbrida” da ideologia que, por pertencer quer à dimensão teórica quer à prática, constitui a condição de possibilidade da confrontação entre os dois âmbitos. Contudo, é condição necessária, mas não suficiente, na medida em que apenas uma “teoria geral da ideologia”, capaz de reflectir em torno da significação desta “natureza híbrida”, e logo de estabelecer o laço entre a sua dimensão “teórica” e “prática”, consegue abrir um horizonte de síntese entre a problemática epistemológica e a política. Apenas então a filosofia, segundo Althusser, pode cumprir a

---

«existência deste lugar vazio, porque lugar para reencher e que há-de ser ocupado pelo sujeito (o agente) da prática política» (L. Althusser, *Machiavel et nous*, cit., p. 59).  
13-L. Althusser, *Notes sur la philosophie*, cit., p. 321.

tarifa: «A filosofia “registra” as rupturas, para as investir nas “revoluções”»<sup>14</sup>, ultrapassando o carácter limitado e irreflectido quer da *coupure* científica quer da *révolution* política, e afirmando-se como ruptura *tout court*, isto é, como lacuna, diferença entre o científico e o ideológico. Assim, por se colocar à beira do ideológico e do teórico, a filosofia constitui quer «uma intervenção política na conjuntura teórica»<sup>15</sup>, isto é, a tomada de consciência da dependência das representações teóricas relativamente ao contexto político-social; quer uma «intervenção teórica na conjuntura política»<sup>264</sup>, na medida em que, desvendando os pressupostos ilusórios e mistificadores da ideologia, constitui uma arma a favor da revolução, um instrumento da luta de classes ideológica.

Concluir-se-á então que, no esquema apresentado por Althusser, é a filosofia que, ultrapassando a oposição “irreflectida” entre ideologia teórica e prática e abordando a questão da “ideologia” “em geral”, toma em consideração o problema quer das consequências político-ideológicas das rupturas epistemológicas, quer dos efeitos, no plano da teoria, das rupturas revolucionárias, estabelecendo assim uma ligação entre as dimensões heterogéneas da “teoria” e da “praxis”.

#### 4. A especificidade do marxismo

A análise que acabámos de desenvolver em torno do conceito de conjuntura em Althusser parece levar-nos à conclusão de que a filosofia marxista é para ser lida como termo médio e instrumento de ligação entre a ciência marxista da história e a prática política revolucionária. É, então, apenas por meio da filosofia que a ciência da história consegue intervir numa específica conjuntura política?

Se é indubitável que as reflexões levadas a cabo por Althusser em torno dos “atrasos” da filosofia marxista relativamente à ciência marxista, assim como a sua constante preocupação, ao longo de toda a sua obra, em encontrar uma definição de “filosofia marxista”, empurram a interpretação neste sentido, em nosso entender, todavia, o ulterior aprofundamento da análise em torno do conceito de conjuntura permite desvendar as dificuldades em reduzir a relação entre ciência marxista e prática política ao esquema geral proposto por Althusser.

14- L. Althusser, *Notes sur la philosophie*, cit., p. 323

15- L. Althusser, *Nota su “La critica del culto della personalità”*, in Id., *I Marxist non parlano mai al vento*, a cura di L. Tomasetta, Milano, Mimesis, 2005, p. 79.

264- Idem



Em *Pour Marx e Lire le Capital*, Althusser, por meio duma releitura da célebre *Introdução* de Marx às *Contribuições para a Crítica da Economia Política*, concebe o processo do conhecimento como um percurso que procede do “abstracto” ao “concreto” e que visa, em última instância, produzir um “concreto de pensamento”, isto é, um objecto teórico capaz de prover o conhecimento científico do objecto real em análise. Qual é então o “concreto de pensamento” produzido pela ciência marxista da história?

Althusser indica-nos a resposta quando, defendendo-se das acusações de estruturalismo que lhe foram movidas, afirma:

«Desde o princípio, nós temos insistido sobre a diferença estrutural entre combinatória (abstracta) e combinação (concreta) [...] Mas quem reparou nisto? Ninguém cuidou desta diferença. Fui acusado por toda a parte no mundo de estruturalismo, de justificar a imobilidade das estruturas na ordem estabelecida e a impossibilidade da prática revolucionária, ao passo que eu tinha, porém, mais que esboçado a propósito de Lenine uma teoria da conjuntura»<sup>16</sup>.

Então, o objecto específico da teoria marxista não é apenas “a estrutura do todo-social”, isto é, a individuação da sua complexidade e das leis de dominância entre as suas contradições, pois este nível de análise, devido ao seu carácter ainda abstracto, não consegue fornecer o conhecimento dum objecto real. É apenas o desvendamento da estrutura do todo social num “momento determinado”, isto é, a representação das leis de dominância e de variação da dominância das contradições do todo social “no momento actual”, a constituir o “objecto teórico” do marxismo:

«por índice de eficácia podemos entender o carácter de determinação mais ou menos dominante ou subordinado, então sempre mais ou menos “paradoxal”, dum elemento ou duma estrutura dada no meio do mecanismo actual do todo. E isto não é outra coisa senão a teoria da conjuntura indispensável à teoria da história».

Torna-se portanto evidente que o objecto da ciência marxista não é senão uma específica conjuntura histórica, o que levanta a questão do papel que a prática política revolucionária pode desempenhar nesta conjuntura. Que relação, em suma, entre a “teoria da conjuntura” e o “pensamento na conjuntura”?

«Pode ser que tivesse mesmo que se mostrar que a necessidade duma tópica não responde apenas a exigências teóricas (relativamente a esta relação, ao limite, um modo de apresentação valeria um outro), mas ao facto de que as teorias fundadas sobre uma tópica que nós conhecemos

16- L. Althusser, *L'Avenir dure longtemps*, Éditions Stock/Imec, 2007, p. 213.

(Marx, Freud) não são por acaso teorias que possuem, nos seus próprios princípios teóricos, o que permite pensar a própria prática delas, quero eu dizer, não a prática teórica delas, mas a prática específica (luta de classe, cura) que elas têm por efeito desencadear. Sem tópica, não é possível “orientar-se” numa conjuntura. Numa prática [...] o possuidor da teoria tem que saber o lugar que ocupa na conjuntura que tenciona modificar na e por meio da sua prática. O objecto duma prática (real e não teórica) é sempre uma conjuntura. [...] Uma tópica é um posicionamento, não apenas uma designação dos lugares num campo teórico, mas uma designação das relações de força em função da eficácia atribuída a cada força em função do seu lugar. Todo o posicionamento é, em primeiro lugar, colocar-se numa relação de força. Ele é teórico, mas possui de maneira virtual uma função prática, na medida em que ele já indica, na sua expressão teórica, na modalidade da sua apresentação teórica, [...] o seu próprio modo de utilização»<sup>17</sup>.

Em nosso entender, esta íntima ligação estabelecida entre “pensamento da” e “pensamento na” conjuntura não pode senão colocar em questão o esquema geral da relação entre teoria e praxis estabelecido por Althusser: a ciência marxista, sendo “pensamento *da* conjuntura”, visa estabelecer os pressupostos teóricos para que o “pensamento *na* conjuntura” seja possível, isto é, para que a subjetividade revolucionária possa orientar-se e agir na conjuntura. Por outras palavras, a ciência marxista parece fazer sentido apenas em vista da sua própria “vacilação teórica”; apenas em função da sua subordinação à prática política. Contudo, se a ciência marxista, apesar de tomar em consideração a conjuntura como “problema teórico”, “virtualmente” já contém uma “função prática”, se já antecipa em si a transformação do “problema teórico” num “problema político”, então ela está essencialmente ligada à dimensão política e não precisa do desvendamento filosófico da diferença entre ciência e ideologia para se tornar uma “força” activa na conjuntura.

Althusser, em *Notes sur la philosophie*, longe de orientar o seu pensamento neste sentido, tenta, muito pelo contrário, estabelecer, a partir da “virtualidade prática” da ciência marxista, uma ligação ainda mais forte entre ciência e filosofia:

«A diferença entre as *révolutions* e as *coupures*, ou *rupture*, ou filosofia, é indispensável à prática política, na medida em que nela intervêm conhecimentos científicos (materialismo histórico) para agir sobre e nas Ideologias, na luta de classes em que a luta ideológica joga um papel orgânico. [...] Esta diferença e os seus efeitos podem ser dominados, se

17- L. Althusser, *Notes sur la philosophie*, cit., pp. 326-327.

são tomados na forma da ruptura (filosófica). Mas este domínio não é possível senão na medida em que a filosofia, sendo Teórica, ou exibição desta diferença, conhece o lugar que ocupa no campo da conjuntura em que intervém como a própria Diferença. O que supõe uma individuação multilateral dos lugares, portanto uma tópica»<sup>18</sup>.

Esta conclusão de Althusser, subordinando a possibilidade de a filosofia conseguir “dominar a diferença” à existência da própria tópica, isto é, à própria “virtualidade prática” da ciência marxista, longe de eliminar a tensão entre a especificidade da ciência marxista e a necessidade da mediação filosófica entre teoria e praxis, vem, muito pelo contrário, confirmá-la e a reforçá-la. Por outras palavras, a reflexão de Althusser parece chegar a duas conclusões entre si contraditórias: se por um lado a ciência marxista, sendo um “modo de produção teórico”, isto é, sendo uma realidade heterogénea relativamente à prática política, precisa da filosofia para conseguir desempenhar um papel político, por outro a filosofia marxista apenas consegue cumprir a própria tarefa “mediadora” em virtude da “virtualidade prática” do marxismo, isto é, da sua ligação peculiar com a dimensão política.

Parece então que abordar o pensamento de Althusser por meio do conceito de conjuntura, mostrando a subordinação da dimensão da produção teórica marxista às exigências políticas “actuais” da luta de classes, permite desvendar as aporias da tentativa, levada a cabo por Althusser, de considerar o marxismo como uma ciência. Pode esta tensão irresoluta explicar o sucessivo abandono, por parte de Althusser, do projecto de encontrar uma filosofia marxista, e a sua viragem na direcção duma “filosofia do aleatório”, duma «filosofia para o marxismo»<sup>19</sup> que, ausente em toda a tradição marxista, constitui porém o único exemplo duma perspectiva filosófica com os pressupostos revolucionários da teoria marxista? Se assim fosse, então o conceito de conjuntura permitiria encontrar, além das radicais transformações teóricas, um fio condutor ao longo do pensamento de Althusser, que seria para ler como uma longa e inacabada tentativa de encontrar uma “filosofia verdadeiramente revolucionária”, capaz de representar o ponto de vista das classes dominadas.

---

18- Idem

19- L. Althusser, *Sulla Filosofia*, Edizioni Unicopli, Milano 2001, p. 46.